

EMPREENDEDORISMO FEMININO: A ASCENSÃO DA MULHER NA CONTABILIDADE BRASILEIRA EM MEIO A BARREIRAS E AO PATRIARCADO IMPOSTO PELA SOCIEDADE

*Thais Resende Pinto¹
Mayara Abadia Delfino dos Anjos²*

RESUMO:

As mulheres sempre foram vistas como ajudantes do lar. Cuidavam da casa, dos maridos e dos filhos, porém durante e após as 1º e 2º guerras mundiais houve a necessidade dessas mulheres saírem de casa para trabalhar em busca do sustento próprio e de seus familiares, assim deu-se início à contratação da mão de obra feminina para a realização de trabalhos que antes eram realizados apenas por homens. Nos dias atuais uma profissão muito ocupada por elas é a Contábil, porém esse processo de adentramento profissional foi e continua sendo muito lento, devido às varias formas de preconceitos, dentre eles o machismo. O preconceito provoca uma grande diferença salarial entre homens e mulheres, mesmo quando ocupam cargos semelhantes. A principal meta deste trabalho acadêmico será responder à seguinte problemática: Quais passos estão sendo seguidos pelas mulheres em busca da equiparidade profissional? Para tentar obter fatos suficientes para responder tal problemática, realizou-se a pesquisa bibliográfica de autores renomados além de analisar documentos de pesquisas realizados pelo CFC (Conselho Federal de Contabilidade) com o intuito de obter dados numéricos para que fosse possível construir uma pesquisa com dados verídicos. Após tais pesquisas houve a possibilidade de concluir-se que alguns fatores são de suma importância para tal equiparidade, como o conhecimento técnico contínuo obtido através de graduações e diversas especializações, políticas e projetos sociais voltados para o tema, esclarecendo sempre a importância da mulher no trabalho juntamente com a união delas através de grupos e encontros que promovam uma maior disseminação de esclarecimentos para a sociedade sobre o assunto, sejam em mídias, jornais ou redes sociais.

PALAVRAS-CHAVE: Mulher; Empreendedorismo; Contabilidade.

ABSTRACT:

Woman has always been seen as home helpers. They took care of the house, the husbands and of their children, but during after the 1st and 2nd world wars there was a need for these women to leave home to work for their own livelihoods their families, thus, the hiring of the female labor force began to perform works that were previously performed only by men. Nowadays a very busy profession for them is accounting, but this process of professional penetration has been and continues to be very slow, due to the various forms of prejudice, including chauvinism. Prejudice causes a large pay gap between men and women, even when they occupy similar positions. The main goal of this academic work will be to answer the following problem: what steps are being taken by women in search of professional equality? To try to obtain enough facts to answer such a problem, a bibliographic research of renowned actors was carried out, besides analyzing research documents conducted by the CFC (Federal

¹Graduanda em Ciências Contábeis pela UNIFUCAMP. E-mail: thaisresende777@hotmail.com

² Professora orientadora desse trabalho. Mestre em Tecnologias, Comunicação e Educação. E-mail: mayaradelfino@hotmail.com

Accounting Council) in order to obtain numerical data so that it was possible to build a research with data true. After such research, it was possible to conclude some factors are of paramount importance for such equivalence, such as the continuous technical knowledge obtained through graduations and various specializations, policies and social projects focused on the theme, always clarifying the importance of women in I work together with their union through groups and meetings that promote greater dissemination of clarifications to society on the subject, whether in media, newspapers or social networks.

KEY-WORDS: Woman; Entrepreneurship; Accounting.

1 INTRODUÇÃO

Durante muitos anos a mulher foi tratada como “do lar”, essa expressão arcaica ainda bastante utilizada nos dias atuais vem perdendo espaço, devido a uma grande luta por direitos iguais. (da Luz, A. F., & Fuchina, R. 2009).

Essa luta começou com uma maior voracidade após as 1º e 2º guerras mundiais, período que provocou escassez de homens trabalhadores ocasionada por uma taxa muito alta de mortos em conflito. A partir desse momento foi necessária a contratação de mão de obra feminina assalariada para trabalhar no processo fabril, nesse primeiro instante as mulheres passaram a enfrentar a grande diferença salarial em relação à masculina que perdura até os dias atuais, então se deu início aos primeiros movimentos pela igualdade entre homens e mulheres (Amorim,2010)

As mulheres que decidiram adentrar no mercado de trabalho, movidas inicialmente pela necessidade, foram obrigadas a se ajustarem a essa nova realidade, diferente dos homens, que trabalhavam apenas fora de casa, as mulheres se viram obrigadas a duplicar a sua rotina de trabalho, pois o processo de obrigações domésticas e familiar deveriam continuar sendo cumpridas, dentre essas tarefas se incluíam cuidar da qualidade de vida e educação dos filhos, além de cumprir todas as tarefas do lar, como limpar, cozinhar e lavar e em paralelo cumprir com todas as obrigações matrimoniais impostas pela sociedade (Jablonski, B.,2010)

Após os primeiros contatos da mulher com esse novo estilo de vida, houve o surgimento de uma nova necessidade feminina: o ato de empreender. De acordo com Strobino e Teixeira (2014) agentes que possuem a capacidade de utilizar recursos disponíveis na natureza, transformando significativamente a sociedade em que vivem e obrigando-os a se adaptarem a essa nova realidade, são chamados empreendedores.

Através da inovação os empreendedores possuem o papel de provocar mudanças econômicas no cenário financeiro, justamente por esse motivo, a economia se encontra

sempre em evolução, de forma a se adequar ao novo modelo por eles reinventado constantemente (Salim, C., & Silva, N. 2013)

Atualmente as mulheres estão à frente de 34% das empresas brasileiras, isso corresponde a 9,3 milhões de mulheres empresárias, um grande diferencial visível em relação a essas mulheres, é que além de serem mais jovens, 16% delas tem nível escolar superior ao dos homens, mas esse fator não contribui para que haja o reconhecimento necessário, e por isso continuam ganhando 22% menos que os empresários masculinos, no ano de 2018, enquanto os empresários obtiveram um ganho mensal em torno de R\$2.344 as mulheres obtiveram um ganho de apenas R\$ 1.831 (SEBRAE, 2019).

1.1 Contextualização

Uma das profissões onde se pode notar com grande evidência o crescimento do público feminino é a Contabilidade. De acordo com o Conselho Federal de Contabilidade (CFC), no ano de 1996 havia um total de 318.592 profissionais ativos, destes 72,55% eram do sexo masculino, e apenas 27,45% eram mulheres, treze anos após, em 2009, uma nova pesquisa mostrou que havia 395.029 profissionais exercendo a profissão, desses, 74,60% eram homens e apenas 25,40% mulheres, nota-se uma queda em relação ao ingresso feminino, porém os nove anos subsequentes causaram uma grande mudança nesse cenário, uma nova pesquisa realizada em 2018 nos mostra que em um total de 525.367 profissionais ativos 57,20% são homens, em contrapartida 42,79% são mulheres, houve um aumento considerável de 17,39% no ingresso de mulheres na área contábil.

Ao analisar os dados apresentados pelo CFC (2019) é possível notar como foi lenta a colocação da mulher no cenário contábil, foram necessários mais de vinte anos para que as profissionais femininas chegassem a ocupar quase metade do quadro de contadores nacionais. Porém mesmo estando em ascensão profissional, elas ainda enfrentam fatores negativos que as primeiras mulheres a ingressar no mercado de trabalho há quase um século atrás enfrentavam: preconceitos em relação à inferioridade feminina, salários menores, falta de reconhecimento, etc.

Nesse contexto Souza, Voese & Abbas (2015) deixam claro que mesmo as mulheres estando crescendo profissionalmente na área contábil, existe uma barreira cultural invisível e muito resistente que as impedem de conseguir grandes promoções a altos cargos contábeis.

1.2 Definição do problema de pesquisa

Apesar do crescimento feminino na área contábil, ainda há grandes desafios a serem enfrentados por essas profissionais, dentre eles pode-se dizer que o principal seja a desigualdade de gênero.

Segundo a revista (Exame 2018) apenas 16% das mulheres brasileiras chegam ao cargo de *Chief Executive Officer* (CEO) no caso das mulheres negras esse número chega a 1%.

Quais medidas poderiam ser tomadas para diminuir essa desigualdade?

Diante desse contexto procura-se solucionar a seguinte problemática: Quais passos estão sendo seguidos pelas mulheres em busca da equiparidade profissional?

1.3 Objetivo Geral

Conceituar o ingresso feminino ao mercado profissional, mostrando o porquê desse ingresso, e as dificuldades enfrentadas desde o início até os dias atuais. Conceituar empreendedorismo feminino, e mostrar a ascensão da mulher na contabilidade diante de tantos paradigmas sociais e culturais.

1.4 Justificativa

Mesmo já tendo sido provado diversas vezes que a mulher é tão capaz quanto o homem de desenvolver qualquer trabalho, a sociedade ainda esta muito ligada a paradigmas arcaicos que dificultam o seu ingresso ao mercado de trabalho em todas as áreas. Durante muito tempo a mulher se viu obrigada a executar tarefas que eram vistas antes como tarefas destinadas apenas às mulheres, lavar, passar, cozinhar, cuidar da casa, do marido e dos filhos, enquanto ao homem cabia apenas o ato de prover o sustento familiar.

Porém os tempos mudaram e nos dias atuais as mulheres lutam não apenas pela igualdade de gênero no trabalho, hoje elas buscam encontrar igualdade cultural substantiva, quebrando antigos paradigmas machistas, para tanto, a luta de movimentos feministas são de suma importância no alcance dessas metas, hoje elas se encontram em movimentos constantes através de sindicatos, política, movimentos sociais e outros meios coletivos de comunicação (Santos, S. M. D. M. D., & Oliveira, L., 2010).

Muitas mulheres hoje são as responsáveis pelo sustento de seus familiares, além de cumprir com todas as outras obrigações de casa que sempre foram destinadas a elas. Isso faz com que grande parte das mulheres brasileiras execute uma dupla jornada, trabalho dentro e fora de casa (Jablonski, B. 2010).

Este trabalho acadêmico visa esclarecer todas as dificuldades já enfrentadas pelas mulheres contabilistas, e as que elas continuam enfrentando nos dias atuais, busca-se encontrar soluções para que haja uma equiparação de gêneros no trabalho, em relação a salários, promoções, e respeito em todos os níveis hierárquicos.

1.5 Aspectos metodológicos

Para a obtenção de dados, optou-se pela abordagem qualitativa através de artigos, revistas eletrônicas, sites e livros. Busca-se obter um entendimento claro sobre o assunto analisado. Será dada a preferência para artigos publicados com temas específicos na área de empreendedorismo e contabilidade feminina, além de artigos voltados para a história da inclusão da mulher no mercado de trabalho.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A inserção da mulher no mercado de trabalho

Durante muitos séculos o papel das mulheres se resumia a afazeres domésticos. Era normal se aplicar a característica “do lar” como forma de qualificar a profissão das mulheres que eram incumbidas dos afazeres domésticos, não executando nenhuma outra profissão fora de casa.

Porém os tempos mudaram, e hoje as mulheres somam uma grande parte da população trabalhadora do país, seja autônoma sendo empreendedora de seu próprio negócio, ou CLT, ocupando desde cargos menores, até cargos de CEOs dentro das grandes empresas (Bruschini, C., & Puppim, A. B. 2004).

Mas foram muitas, e ainda são as dificuldades diárias enfrentadas por essas mulheres para se alocarem em um mercado de trabalho tão disputado e com um patriarcado ainda tão arraigado. Para se entender melhor toda essa dificuldade, é necessário entender o início da inserção das mulheres ao mercado de trabalho.

De acordo com Probst (2003) o início do adentramento das mulheres ao mercado de trabalho, se deu durante as 1ª e 2ª Guerras Mundiais, quando os homens foram convocados para participarem das guerras, e as mulheres se viram obrigadas a sair de casa para trabalharem e assumirem o sustento dos filhos, outras foram forçadas a cuidar dos negócios da família para que a fonte de renda não cessasse, assim, durante um período tão sombrio, uma luz de liberdade feminina começou a se ascender. Após a guerra, quando os homens voltaram

para casa, muitos estavam mutilados, ou impossibilitados de voltarem ao trabalho, o que justificou o fato de muitas mulheres permanecerem trabalhando fora de casa.

Ainda nesse contexto, Teykal e Coutinho (2007) apontam que os movimentos feministas da década de 60 também contribuíram em grande parte para a inserção de mulheres de classes média e alta ao mercado de trabalho, levando-se em conta que as mulheres de classe baixa já eram obrigadas a trabalhar para levarem o sustento para casa.

Porém um fato que acompanhou aquelas primeiras mulheres, continuou perseguindo as que vieram depois: o preconceito. Soares (2000) ressalta que ao analisar mulheres brancas e homens brancos que possuem as mesmas qualificações e que são contratados para executar a mesma tarefa, gerando os mesmos resultados, na hora de combinar o salário, o delas são menores. Na comparação, a amostragem incluía mulheres e homens brancos, pois se comparar mulheres negras e homens brancos, o salário delas é mais baixo ainda, resultado do preconceito racial.

Abram (2006) nos mostra que o nível de escolaridade das mulheres é muito maior que dos homens, mas mesmo assim a taxa de desemprego das mulheres brancas é superior à dos homens, já a taxa de desemprego das mulheres negras é quase o dobro da taxa dos homens brancos. Com essas afirmações fica claro que o preconceito enfrentado pelas mulheres é grande em diversas esferas.

Soares e Izaki (2002) destacam que as mulheres de classe média mais baixa e as mulheres de classe média alta são as que mais se inserem ao mercado de trabalho, a explicação para tal fato, pode se dar pelo motivo de que as mais pobres trabalham por necessidade, enquanto as mais ricas trabalham pela atratividade dos salários altos que irão lhes proporcionar uma melhor qualidade de vida. Eles ainda defendem que mulheres entre 20 e 29 anos, que tem um grau mais elevado de estudo juntamente com as mulheres que possuem filhos mais velhos, são as mais propensas a entrarem no mercado de trabalho.

De acordo com Bruschini e Puppini (2004), outro fato determinante para a inserção da mulher no mercado de trabalho foram as mudanças sociais, culturais e demográficas. Nas regiões mais desenvolvidas onde as mulheres tinham mais possibilidade de estudarem, a taxa de natalidade caiu bastante na década de 90, passando da média de 4,4 filhos para 2,3 filhos, a expectativa de vida das mulheres aumentou, devido à melhores cuidados com a saúde, fato que ocasionou maior quantidade de viúvas. As mulheres lutaram para demonstrar seu real valor, e a partir daí foram obtendo maior independência para serem como quisessem e procurar sempre fazer o que tinham vontade, e não o que lhes mandavam fazer, tais fatos marcaram o início da presença da mulher no cenário profissional.

2.2 Empreendedorismo Feminino

Chiavenato (2007, p. VII) esclarece que “O espírito empreendedor envolve emoção, paixão, impulso, inovação, risco e intuição. Mas deve também reservar um amplo espaço para a racionalidade. O balanceamento entre aspectos racionais e emocionais do negócio é indispensável.” O empreendedor precisa ter paixão pelo que faz, precisa se arriscar e acreditar em si mesmo para conseguir o que se deseja, mas Chiavenato deixa claro que sem uma boa dose de racionalidade o sonho pode não se tornar realidade.

Para Jonathan & Silva (2007, p.77) *Apud* Hisrich & Peters (2002), “o empreendedorismo se caracteriza por uma capacidade de identificar oportunidades e criar algo inovador sob condições de incerteza, assumindo os riscos aí envolvidos.”

Segundo SEBRAE (2016) “Empreendedorismo é a capacidade que uma pessoa tem de identificar problemas e oportunidades, desenvolver soluções e investir recursos na criação de algo positivo para a sociedade. Pode ser um negócio, um projeto, ou mesmo um movimento que gere mudanças reais”.

Foi seguindo essas características empreendedoras, aproveitando o tato e olhar feminino aguçado, que muitas mulheres encontraram no empreendedorismo a solução de seus problemas.

Alguns dados foram levantados pelo SEBRAE (2019) a respeito do empreendedorismo feminino no Brasil, são eles:

- Entre 49 países do mundo, o Brasil ocupa a sétima maior proporção de mulheres entre os “empreendedores iniciais”.
- As mulheres donas de negócios (formais e informais) são mais jovens do que os homens. Elas têm 43,8 anos, contra 45,3 anos no caso do sexo masculino.
- As donas de negócio têm maior escolaridade (16% maior), mas ganham, em média, 22% a menos que os homens na mesma posição.
- Parcela expressiva das mulheres donas de negócio trabalha em casa, 25%. No caso específico das mulheres que são MEI, essa proporção sobe para 55%.
- As mulheres empresárias tomam menos empréstimos e com valor médio igualmente menor. O valor médio do empréstimo para mulheres é R\$ 13.071 a menos que dos homens.
- As empresárias pagam taxas de juros maiores. A taxa anual para empresárias é 3,5% acima dos donos de pequenos negócios.

- A taxa de inadimplência das mulheres é inferior à registrada por homens, 3,7% para mulheres, contra 4,2% para os empresários.
- Quase metade dos MEI existentes no país é formada por mulheres (48%).
- As mulheres MEI se destacam em atividades de beleza, moda e alimentação.
- As mulheres MEI trabalham mais em casa (55%).

Como fica claro nos dados indicados acima, as mulheres hoje compõe parte importantíssima no quadro de empresários brasileiros, elas são responsáveis por grande parte da renda familiar, além de gerarem muitos empregos para a população. Mas outra coisa que fica bastante evidente nos dados apresentados são as dificuldades que elas encontram pelo caminho, como taxas de juros mais altas, inferioridade de renda, mesmo realizando a mesma função de um homem e apresentando maior grau de escolaridade. Muitos são os fatores que limitam a entrada da mulher no meio profissional, um deles é a possessividade masculina:

“Em relação à ocupação, a maioria das entrevistadas disseram ser secretárias do lar, ou seja, dependem financeiramente de seus companheiros. Sendo assim, a violência prevalece mais nas mulheres do lar, podendo estar associada à proibição imposta pelo parceiro para que elas não procurem sua independência financeira (Albuquerque *e tall*, 2013, p.9)”.

A independência financeira além de trazer uma melhor qualidade de vida para as mulheres e seus familiares, pode também ser uma das soluções para um fato tão preocupante como a violência doméstica.

As mulheres quando inseridas no mercado de trabalho tendem a apresentar melhores resultados, isso ocorre pelo fato que elas em geral são mais sensíveis, simpáticas, comprometidas, além de dispor de uma maior vontade de ajudar o próximo. Tais qualidades a possibilita ter um melhor relacionamento com clientes, funcionários, fornecedores, e todas as pessoas que estejam ligadas a ela de alguma forma (Amorim & Batista, 2012).

Se por um lado as mulheres modernas diminuíram a taxa de natalidade, por outro lado, as mulheres do século XXI que decidiram ser mães, não desistiram de trabalhar. De acordo com a revista Exame (2017), cerca de 50% das empreendedoras atuais também são mães. Após a maternidade elas decidiram abrir o próprio negócio como forma de ter mais liberdade de ir e vir, pois sendo funcionárias teriam uma carga horária para cumprir, porém tal fato não quer dizer que a rotina de trabalho não seja extensa, 27% dessas mulheres trabalham cercam de sete a oito horas por dia, 25% de quatro a seis, 23% de nove a dez horas diárias.

2.3 A Contabilidade no Brasil

De acordo com Marion (1985) a contabilidade é uma ciência desenvolvida com a finalidade de controlar o patrimônio das entidades, apurar o resultado e fornecer informações aos *stakeholders*. A Contabilidade tem como base para o estudo o controle do patrimônio da entidade.

Para Tesche *atall* (1992, p.29) “Contabilidade é a ciência social que tem por objeto o patrimônio de quaisquer entidades, em seus aspectos qualitativos e quantitativos, bem como suas variações”.

Segundo Silva (2018, p.21) *apud* Sá (1999, p. 42) “Contabilidade é a ciência que estuda os fenômenos patrimoniais, preocupando-se com realidades, evidências e comportamentos dos mesmos, em relação à eficácia funcional das células sociais”.

Ao analisar o que foi dito anteriormente, percebemos que a finalidade da contabilidade é controlar o patrimônio das entidades, observando seu comportamento através da apuração do Resultado, para assim obter informações de caráter gerencial, administrativo e informativo para qualquer pessoa do grupo de *stakeholders*.

A história da contabilidade no Brasil acompanha a chegada dos portugueses em terras brasileiras no período colonial, é o que ressalta Reis & Silva (2008), com a evolução do comércio criado por Portugal, houve a necessidade de se criar os primeiros depósitos alfandegários no ano de 1549, e para que houvesse um maior controle contábil dos mesmos, Portugal nomeou o primeiro contador geral das terras brasileiras, Gaspar Lamego. Porém mesmo a história da prática da contabilidade sendo tão antiga no Brasil, o primeiro curso surgiu apenas na década de 40, segundo Peleias *atall*(2007,p.27) “Surge o curso superior de Ciências Contábeis e Atuarias, por meio do decreto-lei n°. 7988. De 22.09.1945, com duração de quatro anos, concedendo o título de Bacharel em Ciências Contábeis aos seus concluintes”. Na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

2.4 A ascensão da Mulher na Contabilidade

Após as mulheres começarem a tomar o gosto pela independência financeira no pós-guerra, e conseguirem mais espaços através dos protestos feministas que marcaram as décadas de 60 e 70, as mulheres decidiram melhorar a qualidade dos empregos destinados a elas, e perceberam que isso apenas seria possível através de uma boa formação acadêmica seguida de muita força de vontade para mudar os péssimos hábitos culturais sexistas. Foi nesse momento

que as primeiras mulheres começaram a se profissionalizar ficando à altura, ou até melhores que eles, intelectualmente falando.

3. METODOLOGIA

Os métodos utilizados para a pesquisa são de análise qualitativa e quantitativa, com a finalidade de analisar através da coleta de dados e valores numéricos a diminuição da discrepância entre homens e mulheres contabilistas no Brasil com o passar dos anos, visando entender o caminho percorrido pelas mulheres em prol de diminuir a desigualdade profissional sexista.

Para a obtenção de dados, realizou-se a pesquisa bibliográfica de autores renomados, procurando verificar o adentramento das mulheres no mercado de trabalho utilizando as obras dos autores Probst (2003), Teykal e Coutinho (2007) além de Soares (2000). A partir desse momento procurou-se entender o espírito empreendedor que impulsionou muitas mulheres a entrar no mercado de trabalho, tal entendimento ganhou clareza com o grande pesquisador Chiavenato (2007) que foi de grande contribuição para o desenvolvimento deste tópico.

Com caráter exploratório, analisaram-se documentos de pesquisas realizadas pelo CFC (Conselho Federal de Contabilidade) com o intuito de obter dados numéricos para que fosse possível construir uma pesquisa com dados verídicos a fim de responder a problemática em questão.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

No começo da profissão contábil no Brasil, em sua grande maioria os profissionais eram do sexo masculino. A plataforma digital Contadores Conta azul (2018) apresenta que de acordo com o Conselho Federal de Contabilidade (CFC), em 1950 no Brasil, apenas 4,3% dos profissionais eram mulheres, porém as coisas mudaram, e em 2014, mais de 40% desses profissionais eram do sexo feminino.

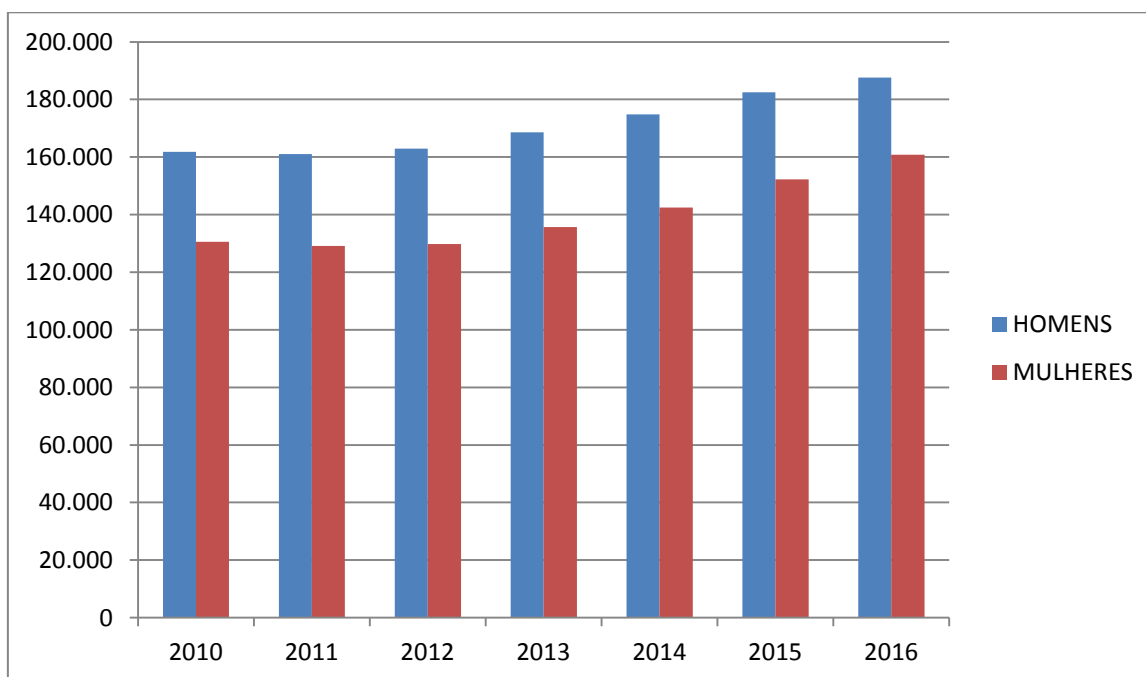
Um dos passos decisivos para a mudança desse cenário, segundo o Conselho Federal de Contabilidade (2019) foi o Projeto Mulher Contabilista, criado no ano de 1991, na cidade do Rio de Janeiro, ocorrido concomitantemente com a 43ª Convenção dos Contabilistas do Estado do Rio de Janeiro. A principal característica do projeto naquele ano foi promover uma maior participação das contabilistas na vida social e política do país. Com a criação desse

projeto, as contabilistas passaram a ter um ponto de encontro onde poderiam expor suas opiniões e a partir daí, procurar soluções para os principais problemas enfrentados por elas.

Realizado em diversas cidades brasileiras, a cada encontro reunindo cada vez mais mulheres contabilistas juntamente com chefes do Conselho Federal de Contabilidade, além de personalidades públicas de destaques, em prol de traçarem metas e objetivos buscando a equiparidade profissional entre os sexos. No ano de 2019 ocorreu o XII encontro das mulheres contabilistas em Pernambuco, nos dias 11,12 e 13 de setembro (CFC, 2019)

Alguns estados brasileiros se sobressaíram em relação a outros a respeito da quantidade de mulheres contabilistas, diversos podem ser os fatores determinantes para esse fato, culturais, sociais, políticos, dentre outros. O 1º gráfico abaixo nos mostra a quantidade de profissionais contabilistas homens e mulheres ativos no CRC em todo o Brasil, enquanto os demais nos esclarecem a diferença entre os gêneros por regiões com o passar dos anos.

Gráfico 1: Homens e Mulheres contadores com CRC ativos no Brasil

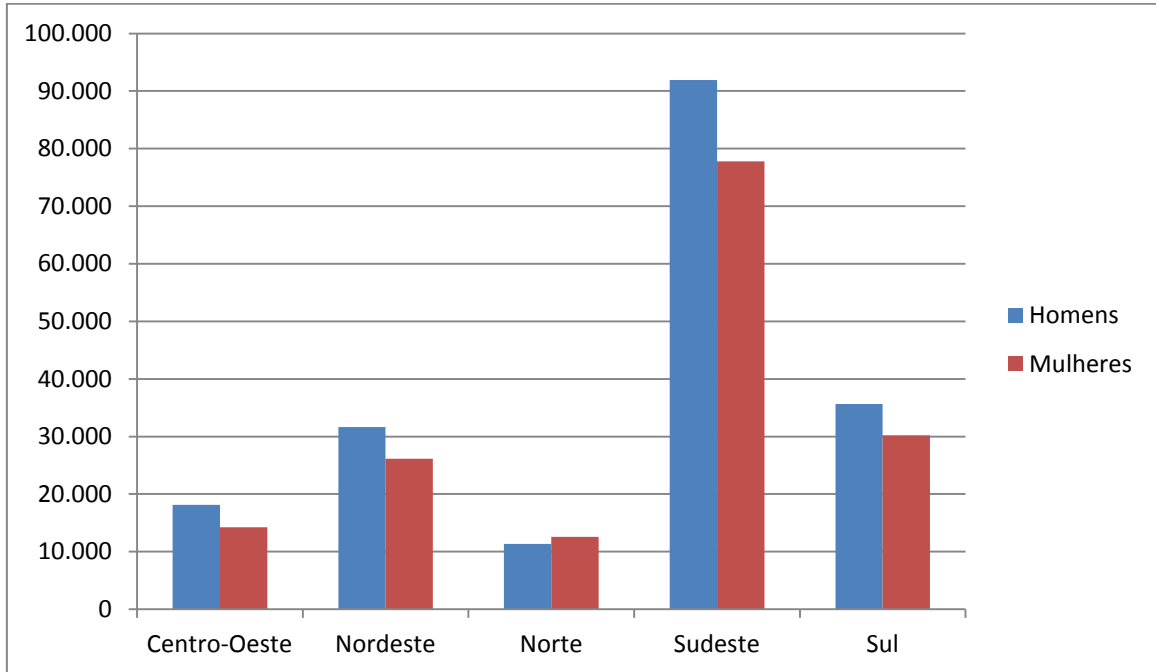


Fonte: CFC- Conselho Federal de Contabilidade (2019)

Quando analisamos o gráfico em questão, percebemos que houve um aumento significativo na quantidade de mulheres contadoras no período entre 2010 e 2016. Observando o ano de 2010 concluímos que a quantidade de homens contadores ativos eram quase 20% a mais do que as mulheres, em um intervalo de cinco anos, no ano de 2016, elas diminuíram essa vantagem deles para 14,25%.

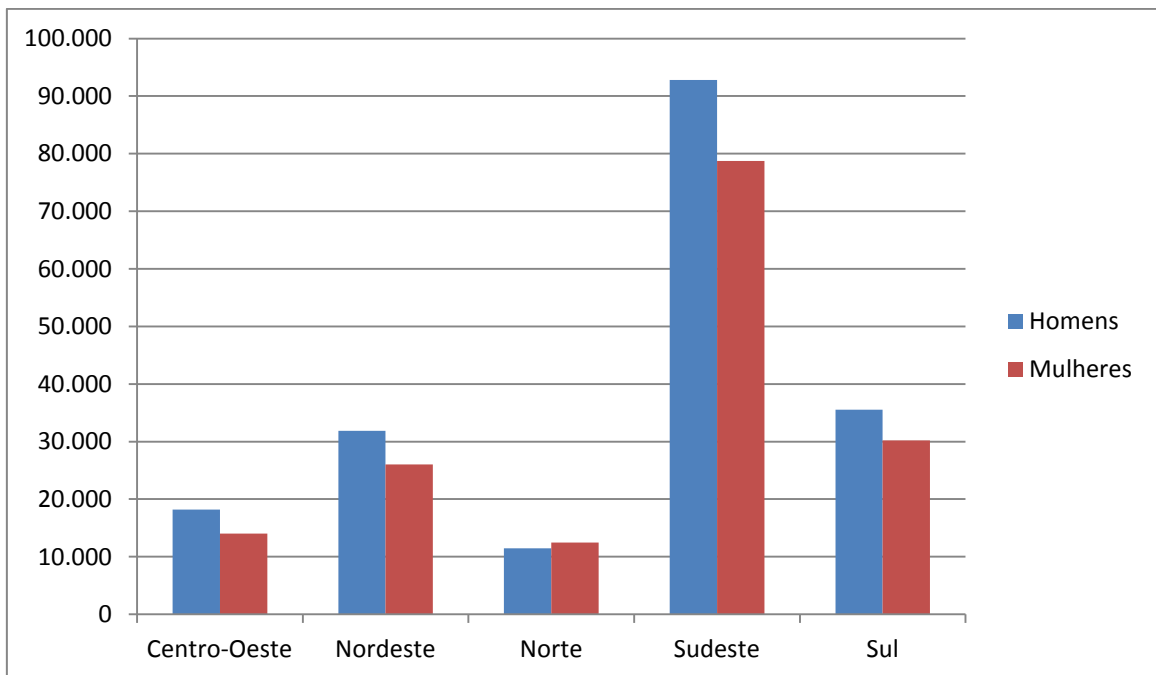
Agora vamos analisar no gráfico abaixo a diferença quantidade de contadores do sexo masculino e feminino por Regiões do Brasil.

Gráfico 2: Homens e mulheres com CRC ativo por Região 2017



Fonte: CFC- Conselho Federal de Contabilidade (2018)

Gráfico 3: Homens e Mulheres com CRC ativo por Região 2018



Fonte: CFC- Conselho Regional de Contabilidade (2019)

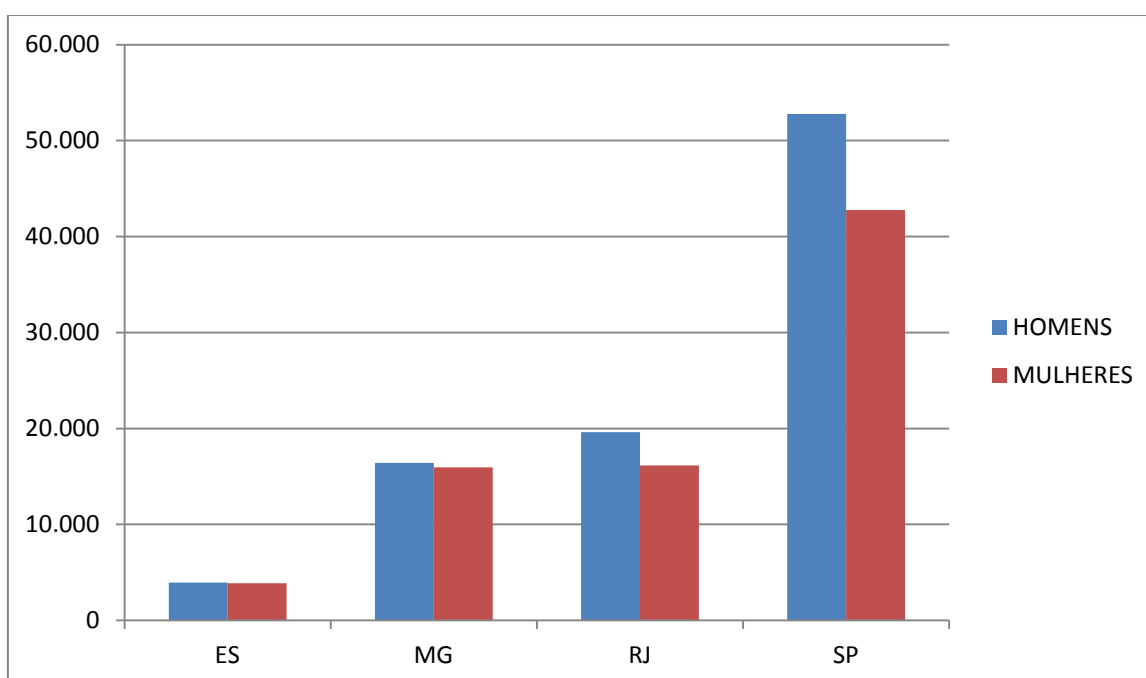
Analisando a Região Centro-Oeste, constatamos que no ano de 2017 a quantidade de homens contadores era 21,32% maior que as contadoras mulheres, no ano de 2018 essa diferença aumentou para 22,79%. A Região do Nordeste, no ano de 2017, apresentou uma quantidade de 17,5% mais contadores masculinos que femininos essa taxa aumentou em 2018 para 18,43.

A Região Norte surpreendeu bastante, ao demonstrar que é a única Região Brasileira onde a quantidade de contadoras do sexo feminino é maior que a masculina, apresentando uma taxa de 10,7% mais contadoras que contadores no ano de 2017, essa taxa sofreu uma pequena queda em 2018, passando para 8%, porém mesmo assim as mulheres continuam liderando nessa Região.

Nas Regiões Sudeste e Sul essas taxas são muito parecidas, os homens contadores nessas duas Regiões são maiores que as mulheres apenas em 15% em ambas, respectivamente nos anos de 2017 e 2018.

A Região que mais contém contadores com o CRC ativo no país é a Região Sudeste, somando todos os contadores a Região suporta 48,8% de todos os contadores do país. Justamente por isso iremos analisar mais a fundo a quantidade de contadores por sexo feminino e masculino no ano de 2018.

Gráfico 4: Homens e Mulheres contadores ativos na Região sudeste em 2018



Fonte: CFC- Conselho Federal de Contabilidade (2018)

Através desse gráfico constatamos que Espírito-Santo e Minas Gerais são os dois estados com menor discrepância entre homens e mulheres no Sudeste, tendo uma quantidade de homens contadores, maior que mulheres apenas 2,10% no primeiro e 2,8% no segundo.

Já no Rio de Janeiro essa diferença sobe para 17,78% mais contadores do sexo masculino que feminino. E em São Paulo, existem 18,97% contadores do sexo masculino a mais que feminino.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentre tantos problemas em relação a preconceito enfrentado pelos brasileiros, um antigo, mas ainda bastante vivo entre nós é o machismo. As mulheres diariamente lutam em prol da igualdade entre os sexos, e uma das armas mais utilizadas por elas é o feminismo. Através do feminismo elas se unem em grupos com propósitos e ideias semelhantes e buscam a todo o custo banir de uma vez por todas esse monstro que assombra a vida das mulheres em todas as áreas de suas vidas, que vai desde o machismo velado, passando pela desigualdade profissional até o feminicídio.

Dentre tantos preconceitos sofridos por elas diariamente, nesse artigo focamos na desigualdade entre homens e mulheres que atuam na área contábil. Buscou-se esclarecer as dificuldades que essas mulheres sofrem diariamente para conseguirem adentrar nessa profissão. A relevância desse trabalho para o meio acadêmico é mostrar através de dados, o quanto essa luta foi e ainda é lenta, esclarecendo assim que uma maior atenção deve ser atribuída ao tratamento dessa diferenciação entre os profissionais do mesmo sexo em prol de alcançarmos uma maior equiparidade entre esses profissionais. Outro fator relevante em relação a esse tema foi para o meu crescimento pessoal e profissional, ao realizar todas as pesquisas pude concluir que um dos meios necessários para lutar contra essa desigualdade é a qualificação profissional constante, pois a educação e o conhecimento são ferramentas primordiais na luta contra essa desigualdade de gêneros.

Como demonstramos através dessa pesquisa, as mulheres após a 1º e 2º guerras mundiais se viram obrigadas a saírem para trabalhar em busca do sustento próprio e dos filhos. Até então essa obrigação era dos homens, enquanto às mulheres cabia o cuidado com os filhos juntamente com os afazeres domésticos. Após a necessidade inicial, um prazer surgiu no íntimo dessas mulheres em relação à independência profissional e deu-se início às mulheres empreendedoras, justamente por isso, no Brasil mais de 34% das empresas são comandadas por mulheres. Porém não foi e ainda não é fácil para elas conseguirem a tão

sonhada independência financeira, é o que nos mostra Albuquerque *atall*, ao esclarecer que muitos maridos não aceitam que suas mulheres saiam de casa em busca de trabalho, pois assim elas deixariam de depender financeiramente deles, e por consequência eles perderiam o controle sobre elas.

Outro forte fator a se elevar em consideração é que mesmo essas mulheres saindo para trabalhar e ajudarem no sustento da família, ainda são obrigadas a cumprirem as tarefas domésticas, praticando assim, uma dupla jornada de trabalho, dentro e fora de casa, tal fato talvez esclareça a diminuição da taxa de filhos que ocorreu a partir dos anos 90 entre as mulheres que moram em regiões onde há uma maior possibilidade de ingressarem em uma faculdade e posteriormente entrarem no campo profissional.

Abram (2006) nos esclarece que as mulheres procuram se qualificar mais profissionalmente, por isso o número de mulheres graduadas é maior que o número de homens, porém tal fato não as favorece tanto, quando o assunto é igualdade salarial e empregabilidade, eles ainda ganham mais, e ocupam a maior quantidade de vagas nas empresas, mesmo não tendo um conhecimento teórico tão vasto quanto muitas delas. Tal discrepância não pode fazer com que elas se qualifiquem menos, pelo contrário, graças a essas qualificações constantes que muitas delas estão conseguindo chegar a altos cargos de direção.

Outro ponto relevante para a grande inserção de profissionais do sexo feminino no mundo contábil foi o Projeto Mulheres Contabilistas, iniciado na década de 90, que através de seminários, promovem o encontro dessas profissionais com diversas personalidades brasileiras do mundo contábil, cultural e social, que juntos traçam metas e objetivos visando facilitar a vida dessas mulheres no mercado contábil, buscando meios para destruir as barreiras do preconceito e mostrar o quanto a sensibilidade e a proatividade feminina é muito útil nos negócios e soluções empresariais.

Deste modo vemos que os impactos iniciados na década de 90, começaram a surtir efeito no final da mesma década, ganhando mais força com a geração seguinte, e que algumas formas de destruir barreiras, primeiramente parte das mulheres, quando decidem quebrar ciclos viciosos, e quererem algo mais de suas vidas além de serem coadjuvantes, mulheres que decidem estudar, que estão sempre em busca de agregar conhecimentos profissionais constantes, que decidem diminuir a quantidade das responsabilidades no lar quando resolvem ter menos filhos que suas antepassadas.

Porém fatores sociais e projetos que buscam reunir um maior número de pessoas lutando ao lado delas, buscando soluções, definindo metas e objetivos, auxiliando para que as informações se alastrem e assim seja possível uma maior educação da população em relação a

esses assuntos, são de suma importância para a concretização dessa meta de equiparidade profissional.

Como podemos ver no gráfico 3, apenas a região Norte apresenta um maior número de contadoras do sexo feminino, o que nos leva a questionar quais fatos sociais, culturais e políticos levaram à essa exceção. Por isso, como um projeto de pesquisa futuro, deixo como sugestão o esclarecimento desses questionamentos.

Sugere-se como pesquisas futuras, que sejam feitas entrevistas com contadoras do sexo feminino, que atuam na profissão no país e assim verificar quais as maiores dificuldades enfrentadas pelas mulheres nessa área.

REFERÊNCIAS

ABRAM, Laís. **Desigualdades de gênero e raça no mercado de trabalho brasileiro.** *Ciência e cultura*, v. 58, n. 4, p. 40-41, 2006.

AMORIM, Rosane Oliveira. **Empreendedorismo Feminino: Razão do Empreendimento.** Discente do 8º semestre do curso de Administração do Centro de Ensino Superior de Primavera (CESPRI). 2010

AMORIM, Rosane Oliveira; BATISTA, Luiz Eduardo. **Empreendedorismo feminino: razão do empreendimento.** *Núcleo de Pesquisa da FINAN*, v. 3, n. 3, p. 1-14, 2012.

BRUSCHINI, Cristina; PUPPIN, Andrea Brandão. Trabalho de mulheres executivas no Brasil no final do século XX. *Cadernos de pesquisa*, v. 34, n. 121, p. 105-138, 2004.

BUENO, Jefferson Reis. **MAS AFINAL, O QUE É EMPREENDEDORISMO?** Disponível em: <https://blog.sebrae-sc.com.br/o-que-e-empreendedorismo/> Acesso em 25 de maio de 2019.

CHIAVENATO, Idalberto. **Empreendedorismo: dando asas ao espírito empreendedor: empreendedorismo e viabilidade de novas empresas: um guia eficiente para iniciar e tocar seu próprio negócio.** 2007.

DA LUZ, Alex Faverzani; FUCHINA, Rosimeri. **A evolução histórica dos direitos da mulher sob a ótica do direito do trabalho.** 2009

DE ALBUQUERQUE, Josefa Barros Cavalcanti et al. Violência doméstica: características sócio demográficas de mulheres cadastradas em uma Unidade de Saúde da Família. *Revista eletrônica de enfermagem*, v. 15, n. 2, p. 382-90, 2013.

DE CAMPOS STROBINO, Márcia Regina; TEIXEIRA, Rivanda Meira. Empreendedorismo feminino e o conflito trabalho-família: estudo de multicascos no setor de comércio de material de construção da cidade de Curitiba. *Revista de Administração*, v. 49, n. 1, p. 59-76, 2014.

DE SOUZA, Franciele Machado; VOESE, Simone Bernardes; ABBAS, Katia. MULHERES NO TOPO: AS CONTADORAS PARANAENSES ESTÃO ROMPENDO O GLASS CEILING?. *Advances in Scientific and Applied Accounting*, v. 8, n. 2, p. 244-270, 2015.

DINO. DIA INTERNACIONAL DAS MULHERES: DADOS REVELAM DESIGUALDADE NÃO SÓ DE GÊNERO, MAS TAMBÉM DE RAÇA. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/negocios/dino/dia-internacional-das-mulheres-dados-revelam-desigualdade-nao-so-de-genero-mas-tambem-de-raca/> Acesso em 15 de maio de 2019.

FONSECA, Mariana. 7 A CADA 10 MULHERES BUSCARAM O EMPREENDEDORISMO POR CONTA DA MATERNIDADE. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/pme/7-a-cada-10-mulheres-buscaram-o-empreendedorismo-por-conta-da-maternidade/> Acesso em 20 de abril de 2019.

JABLONSKI, Bernardo. A divisão de tarefas domésticas entre homens e mulheres no cotidiano do casamento. *Psicologia: ciência e profissão*, 2010, 30.2: 262-275.

JONATHAN, Eva G.; SILVA, TMR da. **Empreendedorismo feminino: tecendo a trama de demandas conflitantes.** *Psicologia & Sociedade*, v. 19, n. 1, p. 77-84, 2007.

MARION, José Carlos. **Contabilidade básica.** Saraiva Educação SA, 1985.

PELEIAS, Ivam Ricardo et al. **Evolução do ensino da contabilidade no Brasil: uma análise histórica.** *Revista Contabilidade & Finanças*, v. 18, n. SPE, p. 19-32, 2007.

PLATAFORMA CFC. **QUANTOS SOMOS.** Disponível em: <https://cfc.org.br/registro/quantos-somos-2/> Acesso em 28 de maio de 2019

PLATAFORMA SEBRAE. **POR QUE É FUNDAMENTAL ESTIMULAR O EMPREENDEDORISMO FEMININO?.** Disponível em: <http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/por-que-e-fundamental-estimular-o-empendedorismo-feminino,ca96df3476959610VgnVCM1000004c00210aRCRD/> acesso em 18 de abril de 2019

PROBST, Elisiana Renata; RAMOS, Paulo. **A evolução da mulher no mercado de trabalho. Santa Catarina: Instituto Catarinense de Pós-Graduação**, p. 1-8, 2003.

REIS, Aline de Jesus; DA SILVA, Selma Leal. **A história da contabilidade no Brasil. Seminário Estudantil de Produção Acadêmica**, v. 11, n. 1, 2008.

SÁ, António Lopes. **Teoria da contabilidade. São Paulo: Atlas**, v. 3, 2002.

SALIM, Cesar; SILVA, Nelson. **Introdução ao empreendedorismo: despertando a atitude empreendedora.** Elsevier Brasil, 2013.

SANTOS, Silvana Mara de Moraes dos; OLIVEIRA, Leidiane. **Igualdade nas relações de gênero na sociedade do capital: limites, contradições e avanços.** 2010.

SANTOS, Fabrício. **O EMPODERAMENTO DAS MULHERES NA CONTABILIDADE.** Disponível em: <https://cfc.org.br/noticias/o-empoderamento-das-mulheres-na-contabilidade/> Acesso em 15 de maio de 2019.

SOARES, Sergei Suarez Dillon. **Perfil da discriminação no mercado de trabalho: homens negros, mulheres brancas e mulheres negras.** 2000.

SOARES, Sergei; IZAKI, Rejane Sayuri. **A participação feminina no mercado de trabalho.** 2002.

TESCHE, Carlos Henrique et al. **Contabilidade: ciência, técnica ou arte?.** *Contabilidade Vista & Revista*, v. 4, n. 1, p. 23-33, 1992.

TEYKAL, Carolina Macedo; ROCHA-COHUTINO, Maria Lúcia. **O homem atual e a inserção da mulher no mercado de trabalho.** *Psico*, v. 38, n. 3, p. 8, 2007.